

COMO NASCEU "CONJUNTURA ECONÔMICA"

A idéia de iniciar no Brasil pesquisas sobre a conjuntura econômica, publicar os resultados, o essencial sobre os métodos aplicados, as bases estatísticas e outras fontes de documentação, num periódico que se destinasse a todos os interessados nos problemas econômicos e financeiros, visava em primeiro lugar a objetivos práticos. Não foi por acaso que esta idéia se delineou mais precisamente na segunda metade de 1947. A economia de guerra, com suas estritas regulamentações, chegava ao fim e por toda parte havia o desejo de normalizar a vida econômica, de dar mais liberdade à iniciativa privada, sem negligenciar as necessidades de ordem social nem entrar as grandes obras que só podiam ser executadas com a ajuda do Estado. A estas tarefas nacionais se somavam as reformas internacionais, cujos fundamentos já tinham sido estabelecidos durante a guerra nas conferências de Bretton Woods (julho de 1944) para a criação do Fundo Monetário Internacional e do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), em Washington (agosto/setembro de 1944), e em São Francisco (abril de 1945) para a constituição das Nações Unidas, além de outras em que o Brasil participou ativamente desde o início. Sem dúvida, a vida econômica futura não seria uma simples restauração e continuação do que havia antes da guerra e cada país deveria adaptar-se às novas formas e condições.

Era de se prever também que o ritmo da vida econômica seria diferente daquele observado com grande regularidade no século XIX e que, com sua alternativa de períodos de prosperidade e de depres-

são, prosseguira até às vésperas da Segunda Guerra Mundial. E o objetivo das pesquisas sobre a conjuntura econômica era precisamente observar as oscilações da marcha dos negócios, da evolução financeira e monetária e suas repercussões sobre a economia nacional.

A questão preliminar consistia no seguinte: onde encontrar a documentação para tais estudos? As instituições que existiam para fins análogos no exterior — Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, Escritório Estatístico, na Alemanha etc. — só podiam servir como modelo de forma restrita, pois se baseavam em documentação que faltava no Brasil. Além disso, a maioria de tais centros de pesquisas sobre a conjuntura cessara suas atividades durante a grande crise dos anos 30 ou no transcurso da guerra e os novos institutos surgidos aqui e ali logo após a conflagração se encontravam ainda em estado embrionário. Se quiséssemos iniciar estudos sobre a conjuntura no Brasil teríamos necessariamente que utilizar fontes de documentação nacionais.

Felizmente, vistas de perto, estas fontes se revelaram muito mais ricas do que se supunha. Em particular, as estatísticas fiscais e as do comércio exterior forneceram grande quantidade de informações sobre o volume de transações, o movimento de capitais e as correntes das operações financeiras. A maioria delas podia ser elaborada com rapidez. Se havia, em alguns setores, atrasos de um ou 2 meses, era possível, dentro da nossa finalidade, reduzir o intervalo entre o fato e o seu reflexo estatístico. Logicamente, a estatística do comércio exterior deve ser completa. Mas, considerando a imensa extensão das fronteiras do Brasil, era praticamente inevitável que algumas pequenas estações aduaneiras enviassem seus relatórios com atraso, o que retardava a publicação das cifras globais definitivas das importações e exportações. Entretanto, para se medir a conjuntura econômica, é suficiente tomar como base 98 ou 99% do movimento total. Graças à compreensão e boa vontade dos serviços competentes, foi possível obter os resultados provisórios, isto é, sem o 1 ou os 2% ainda não disponíveis.

Outra fonte de informação preciosa era a publicação obrigatória no Diário Oficial das emissões de capitais, sob a forma de ações ou obrigações, e dos balanços das sociedades anônimas. Estes últimos não davam às vezes senão uma imagem bastante sucinta dos negócios no último exercício. Mas agrupados segundo os ramos de atividades, a ordem de grandeza e outras características das firmas, eles

permitiam, em seu conjunto, a elaboração de conclusões sobre a conjuntura de boa parte da atividade econômica privada.

Em outros domínios, entretanto, as fontes de informação escasseavam. Em particular, o movimento de preços era quase desconhecido. A estatística oficial não indicava senão os preços por atacado de algumas matérias-primas, e o cálculo do custo da vida no Rio de Janeiro e São Paulo era publicado freqüentemente com grande atraso. Devíamos, portanto, organizar pesquisas diretas nos armazéns e mercados para obtermos cifras mais atualizadas. Em síntese, a documentação apresentava lacunas, mas era suficiente para o começo.

A fim de concretizar a idéia, outra tarefa se impunha: encontrar uma equipe apropriada para os trabalhos preparatórios e em seguida para a divulgação dos resultados das pesquisas, de maneira clara e atraente. Os estudos sobre a conjuntura devem ser mais do que simples acumulação de cifras. Eles exigem análises, comentários e, com toda a prudência que se impõe, prognósticos. Necessita-se, portanto, de uma equipe de especialistas para todos os ramos da vida econômica. A escolha do pessoal foi grandemente facilitada, de um lado, pelo interesse que a idéia despertou nos Ministérios, no Banco do Brasil e em outras entidades públicas e, de outro, pela generosa acolhida da Fundação Getúlio Vargas que, sob a presidência do Dr. Luiz Simões Lopes, se encarregou da realização do projeto, do financiamento e dos trabalhos técnicos da publicação.

Numa reunião de diversas personalidades — altos funcionários dos Ministérios, do DASP, dirigentes da Fundação Getúlio Vargas e representantes de grandes empresas econômicas — o autor destas linhas expôs os detalhes do plano que mereceu aprovação unânime. Uma equipe de 12 técnicos trabalhou intensamente durante um mês nos preparativos da publicação e em novembro de 1947 saía o primeiro número de CONJUNTURA ECONÔMICA.

Tratava-se, sem dúvida, de publicação modesta: um boletim em multilith de 36 páginas, em formato pequeno. Mas, para surpresa de todos nós, a primeira tiragem de 1000 exemplares esgotou-se no mesmo dia. Uma segunda tiragem feita às pressas foi também rapidamente vendida. A imprensa começou a ocupar-se da nova publicação. O início foi um êxito incontestável. Entretanto, tudo dependia da continuação. Havíamos preparado o texto de 3 números, dos

quais cada um era mais volumoso que o anterior. Saindo pontualmente na mesma data de cada mês, nossa CONJUNTURA assumia também na apresentação gráfica o aspecto de uma pequena revista. A partir do 4.^o número, a capa apresentava fundo marrom e apareceram os primeiros anúncios. Via-se CONJUNTURA ECONÔMICA tanto na mesa dos dirigentes de grandes empresas como em mãos de estudantes e se reproduziam e discutiam seus comentários. A imprensa estrangeira passou a citá-la cada vez mais, o que estimulou a Fundação Getúlio Vargas a publicar mensalmente, ao lado da edição original em português, outra em inglês.

Quando no princípio de 1952 saí do Brasil para ficar como correspondente da nossa CONJUNTURA na Europa, o "boletim" se havia transformado numa verdadeira revista, que progredia firmemente. E antes de tudo eu sabia que a Direção da Revista e do Centro de Análise da CONJUNTURA ECONÔMICA se achava em boas mãos. Meu sucessor, o Dr. José Garrido Tórres, não só eminente conhecedor da economia brasileira como também da vida econômica dos Estados Unidos, daria provas de administrador como Presidente do BNDE e Presidente do extinto Conselho Nacional de Economia e se revelaria também excelente jornalista. Sob a sua direção esclarecida, CONJUNTURA ECONÔMICA tomou o aspecto de revista moderna, que se pode comparar, pela apresentação gráfica e aperfeiçoamentos técnicos, às melhores publicações do gênero no mundo. Finalmente, sinto-me orgulhoso de haver dado o impulso inicial para a criação desta grande revista, de ter dirigido seus primeiros passos e é com muita honra que há 20 anos colaboro em cada um de seus números.

RICHARD LEWINSOHN

Fundador de CONJUNTURA ECONÔMICA